

NÚMEROS não têm vaidade



Marcelo Freitas*



Lev Olkha

Ultimamente, por todos os lados e por todas as mídias, tenho percebido o mesmo discurso: a escola precisa mudar. E não são poucas as vozes e letras que se unem para apresentar um monte de argumentos sobre as razões que deixam as instituições educacionais comendo poeira. Também não são poucas as opiniões e, mais que isso, os dados sobre o que faz desse lugar um local de desinteresse dos estudantes.

Nesse aspecto, uma recente pesquisa denominada *Determinantes do abandono do Ensino Médio pelos jovens do Estado de Minas Gerais* engrossa ainda mais esse caldo. O estudo foi desenvolvido por Tufi Machado Soares e outros, numa parceria entre a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a Universidade de São Paulo (USP/Ribeirão Preto), e promovida com o apoio do Instituto Unibanco.

Vejamos o que disse grande parte dos alunos que deixaram de estudar. São falas colhidas pela pesquisa:



Tomasz Trojanowski

“Não estamos aprendendo o que está sendo ensinado!”

“Não entendemos o que ganhamos com tanto esforço que temos de fazer para frequentar as aulas!”

“Queremos uma escola mais atrativa!”

Esses depoimentos, se já são combustível suficiente para colocar em movimento os gestores educacionais, imagine só o que representam para os educadores? A mensagem é direta. Sem rodeios.

E tem mais: a pesquisa também constatou que “quando o aluno anseia por uma escola dinâmica e inovadora, tem 21% mais chance de sair”, segundo declara Tufi Machado, da equipe de pesquisadores, que também ressalta: “O jovem desiste da escola quando sente que não está aprendendo os conteúdos apresentados”. *Touché.*

Embora sejam vários os motivos de evasão também constatados pela pesquisa, a maioria deles já velhos conhecidos (baixa condição socioeconômica, gravidez, necessidade de trabalhar para ajudar a família e defasagem idade-série), o que mais chama a atenção é mesmo o fato de que eles, jovens, percebem a desconexão entre a escola e o mundo a sua volta. Alguns dados são contundentes.

Cerca de metade dos alunos que cursam ou que deixaram de cursar a escola declara que concorda plenamente com a afirmativa “quanto mais o professor enche/enchia o quadro de matéria, mais vontade eu tenho/tinha de sair da sala de aula”. Esse número sobe ainda mais se somado aos quase 30% que concordam parcialmente com isso.

Aproximadamente 66% dos entrevistados, por sua vez, concordam, plena ou parcialmente, com a seguinte afirmativa: “a maioria dos meus professores não se preocupa/preocupava em esclarecer dúvidas das matérias ensinadas”. Lamentável, não?

Por outro lado, “vislumbrar que o estudo lhe trará melhores oportunidades na vida aumenta em 50% as chances de permanência do aluno na escola”, acrescenta Tufi Machado. Entretanto, segundo constatou a pesquisa, cerca de 60% dos jovens que estão cursando a escola declararam que suas instituições não tinham aulas práticas. Isso contribui enormemente para que eles não percebam a utilidade daquilo que aprendem.

Na verdade, a era do conteúdo *just in case*, ou seja, aquele no qual a escola nos repassa um monte de conteúdos para o caso de, um dia, virmos a precisar deles, já acabou. A tecnologia e os meios de comunicação nos colocaram na trilha do conhecimento *just in time* - aquele que buscamos quando precisamos dele, onde quer que ele esteja. Sobre isso, aliás, falaremos em outro artigo, futuramente.

Mas o fato é que, diante de tudo isso, uma questão importante se apresenta: se tanta gente reconhece que a escola precisa mudar, se reinventar, que está com

seu prazo de validade vencido faz tempo, por que, então, não muda? Vaidade? Falta de humildade? Visão estreita? Corporativismo? Há quem apresente, ainda, outras tantas razões para que não haja movimentos concretos no sentido da mudança. No meu ponto de vista, talvez a resposta esteja na falta de permeabilidade desse segmento aos avanços apresentados em outros campos da sociedade.

Uma alternativa para vencer essa barreira poderia ser a montagem de uma espécie de equipe multidisciplinar. Especialistas e profissionais de outras áreas reunidos para, junto com professores e pedagogos, buscar a alteração do genoma escolar. Uma equipe capaz de trabalhar num processo de aprendizagem colaborativa e construção conjunta. Disposta a romper com paradigmas, conceitos e métodos ultrapassados. Reunida, para esquadrihar competências, habilidades e atitudes requeridas num mundo em constante mutação. E, a partir daí, fazer nascer uma nova e inovadora organização.

Morte e ressurreição. Renascimento. Uma nova vida.

A Harvard School, uma das maiores e mais conceituadas instituições de ensino do mundo, elegeu recentemente a busca pela cura do câncer como foco de suas pes-

quisas. E o que ela fez? Ao invés de reunir catedráticos de medicina para ocupar seus laboratórios, preferiu organizar um time de médicos, engenheiros, biólogos, físicos, especialistas em eletrônica aplicada, biotecnologia, inteligência artificial, mecânica e outras tantas especialidades para trabalhar no projeto. A ideia é que o somatório dessas competências possa alargar as possibilidades de alternativas para o combate à doença. Imagine um exército de microrrobôs injetado na corrente sanguínea, capaz de identificar e combater as células cancerosas. Ou um chip, introduzido sob a pele, com a capacidade de fornecer constantes informações sobre possíveis formações cancerígenas. Esses são apenas alguns exemplos do que pode ser um movimento “pense fora do quadrado”.

Não tenho dúvidas, portanto, de que esse tipo de avanço também pode alcançar a Educação. Pelo contrário, fico torcendo muito para que aconteça. Mas, antes de tudo, é necessário querer. E querer de verdade! ■

*Consultor da Linha Direta, diretor da Corporate Gestão Empresarial, coordenador-geral do Movimento Escola Responsável e consultor em Gestão Estratégica e Revitalização Institucional

marcelofreitas@yahoo.com